



Múltipla escolha

Há muitas maneiras de encarar a nossa existência: como um trajeto, um naufrágio, um poço, uma montanha. Tantas visões quantos seres pensantes, cada um com sua disposição: cética, otimista, trágica ou indifferente.

Neste livro ela é um teatro, e um cenário com muitas portas, que estavam ali ou que nós desenhamos. Algumas só se abrem, outras só se fecham; outras ainda se escancaram sobre um nada.

Quando abrimos uma delas — nossa múltipla escolha — é que se delinea a casa que chamamos nossa existência, e começam a surgir os aposentos onde vamos colocar mobília, objetos, janelas, pessoas, um pátio que talvez leve a muitos caminhos.

Somos autores e personagens dessa cena complexa. Nos vestimos nos camarins, rimos ou choramos atrás das cortinas. Também vendemos entradas; às vezes vendemos a alma.

Este pequeno ensaio fala sobre alguns mitos da nossa cultura, que, embora criados por nós, dificultam essa tarefa existencial. Fala também de audácia e fervor, e de alegria quando escapamos dessas armadilhas e nos construímos do jeito que dá.

Utopia, romantismo ou real possibilidade, as primeiras páginas de cada livro entreabrem a cortina: dos dois lados do palco, meu leitor e eu trocamos sinais.

(Gramado, O Bosque)





Lya Luft

Um palco para os mitos

Alguém me chama, bem atrás
na plateia:
um aceno, uma voz sumida
parece dizer meu nome.
(É alguém de óculos,
pois as lentes refletem a luz
do teto.)
Posso responder, devo
acenar de volta?
Atrás de mim
alguém veste os bonecos da vida
e as estátuas da morte.
Euforia e medo,
é com eles que vou contracenar
(ou é comigo mesmo?).

Por cima do nariz de palhaço
ajeito os meus óculos para ver melhor.

“Viver é subir uma escada rolante pelo lado que desce”, disse alguém. Nunca esqueci: é sobre esse esforço de viver que eu escrevo há tantos anos.

Humanos, portanto ambíguos, a imagem nos serve bem: para cima nos atraem novidades sempre renovadas, caminhos inimagináveis anos atrás, desafios que estimulam e assustam. Para baixo nos puxam as sombras do desencanto e da depressão, da acomodação, dos receios e do esquecimento na futilidade ou nas drogas, no álcool, nos medicamentos.

A visão não é necessariamente derrotista: crianças sobem por esse lado invertido das escadas rolantes, e nós, mesmo não sendo crianças brincando (ou brigando), tentamos vencer os degraus do que chamamos existência.

Mas a contradição faz parte de nós. Desejamos permanência, e destruimos a natureza. Nos consideramos modernos, e sufocamos debaixo dos preconceitos. Politicamente corretos, perdemos a naturalidade e o brilho. Onerados por crenças infundadas, carregamos na mala da culpa as pedras do medo.





Múltipla escolha

Entre opostos tão diferentes como desejo de alegria e o peso de crenças sombrias (“a quem Deus ama ele faz sofrer”), entre ânsia de autonomia e o conforto da prisão, entre o desejo de progredir e a carência de líderes confiáveis, busca de saúde e lento suicídio nas drogas, nem sempre sabemos o que decidir, e muitas vezes nos deixamos levar.

Medicados (a pressão, o peso, a fadiga, a insônia, o sono, a depressão e a euforia, a solidão e o medo tratados a remédio), exasperados e indecisos, cedo recorreremos a expedientes até para amar, porque nossa libido, quimicamente cerceada, falha; e a alegria, de tanta tensão, nos escapa.

Nosso olhar é turvado por lentes que deformam. Comer e cozinhar tornaram-se um must, mas sentamos diante dos melhores pratos recitando os prejuízos da comida: os quilos a mais, o colesterol, o açúcar no sangue. Alardeia-se o sexo como nunca antes, e nos julgamos liberdadíssimos, mas as lendas sobre desempenhos nos causam medo. Cheios de remédios como vivemos, precisamos ressuscitar a libido com mais medicamentos.

Moramos em edifícios e condomínios de luxo, os miseráveis morrendo de fome e frio ou drogas na noite das nossas ruas. Há muitas novas distrações lá fora, mas estamos encerrados atrás de altos muros, vigiados por câmeras de segurança, grades nas janelas.

Vivemos no interior almejando a vida interessante na cidade grande, onde o narcotráfico impera e a violência nos desorganiza; na cidade grande, sonhamos com a plácida rotina das aldeias. Nem numa nem em outra encontramos paz, porque as pequenas cidades já são procuradas pelos criminosos que ali esperam vítimas mais despreparadas.

Violência doméstica e urbana nos tornam prisioneiros em casa, violência no campo desanima produtores, direitos humanos privilegiam os criminosos e abandonam as vítimas. A justiça se trava e confunde com uma teia de leis caducas ou não aplicadas.

Queremos afeto, mas família vai ficando complicado demais: como filhos, queremos fugir dos pais, que nos irritam e parecem nada ter a ver com a nossa realidade; como pais, nos intimidam filhos que não conseguimos entender. As mudanças rápidas nas relações pessoais nos enchem de desconfiança. Além disso, não sabemos nos comunicar: confundimos palavra e grito, silêncio e frieza.

Funcionamos como solidões em grupo, embalados pelo sonho de uma fusão impossível que aliviasse nossas inquietações e nos desse significado.

O olho do outro está grudado em mim e me sinto permanentemente avaliado, nem sempre aprovado: se eu não for como sugerem ou



Lya Luft

exigem meu grupo, família, sociedade, se não atender às propagandas, aos modelos e ideais sugeridos, serei considerado diferente. Como adolescentes queremos ser iguais à turma, como adultos queremos ser aceitos pela tribo: a pressão social é um fato inegável. Não controlada, ela nos anulará.

Carentes de orientação e autonomia, com informação insuficiente ou distorcida, não estamos muito interessados em analisar, quem sabe mudar. No esforço de sobreviver cumprindo mil tarefas, a gente passa correndo, lê os cartazes de propaganda, assiste à tevê, critica os políticos, e olha sobre o ombro do vizinho ou colega: o que ele tem e eu não tenho ainda?

Com alguma determinação talvez até se consiga reverter a direção em que correm os degraus, ou escapar para o lado melhor de subir, conduzindo de um jeito positivo nossa história e a da nossa sociedade.

Eventualmente sentimos que valeria a pena o esforço: compreender, cultivar alguma crença, ter esperança, atuar na comunidade, no país, no mundo. Embora a gente esqueça isso, somos minúsculas peças numa estranha engrenagem.

Cada uma tem o seu valor.

É estranho pensar que tudo tem sua importância: o modo como levo o copo d'água à boca, o jeito como olho meu filho, dirijo meu carro, escrevo meu texto, prendo o botão da camisa com o cheiro da pessoa amada, cavo minha cova ou como uma fruta. Tudo modifica o mundo, tudo depende (em parte) de mim.

Surpresa de ver que valho tanto, desconforto pelas responsabilidades que não desejei.

Mas também somos bons ou amorosos, curtimos esperança, inventamos coragem, cuidamos dos outros, fazemos com honra nosso trabalho: lutando contra o receio de que o amor nos torne vulneráveis, a delicadeza nos faça parecer fracos, e de que, não sendo céticos, os outros pensem que somos tolos.

Não somos um mero feixe de aflições. Podemos ser lúcidos, informados e atuantes. Liderar nosso grupo, criticar o que nos parece errado, sentir indignação — mas quase sempre nos falta parceria para agir de verdade, e nem sabemos direito o que fazer. Então a gente se atordoa acumulando objetos e espaços vazios. Botar que coisas em que lugares, para que haja harmonia, para a gente se sentir bem, e construir projetos?

É algo a descobrir ou elaborar, nesse misto de coerência e vago delírio do nosso cotidiano. Não somos apenas boncos manipulados, mas coautores (nosso parceiro é o mistério) de algumas cenas disso que chamamos (e usamos como desculpa) de “nosso destino”.